

# LITÍGIO

# *Litígio*

Mailson Furtado



*a Fred di Giacomo,  
a Rafa Carvalho,  
a Gilmar de Carvalho*

9	<i>sossego do susto</i>
15	<i>à margem</i>
21	<i>amor</i>
25	<i>manoel</i>
31	<i>dalva</i>
35	<i>duas da tarde</i>
39	<i>à beira das calçadas</i>
45	<i>noite</i>
49	<i>bodega</i>
55	<i>a rua única</i>
61	<i>pedido</i>
65	<i>a ponte</i>
69	<i>litígio</i>
75	<i>despedida</i>
79	<i>sentinela</i>
85	<i>do último gole</i>

## sossego do susto

armada entre tarrafas  
a canoa se impõe em vida própria.

vai.

a noite mergulhada açude adentro  
tropeça no banzeiro com a lua já a convite  
que sem qualquer vaidade –  
testemunha.

o menino – fantasiado de aventura –  
aos primeiros passos acompanha o pai.

*Vira a canoa!, meu fii, tá vendo o vento, não?  
Desse jeito o barco ganha às pedras.  
Avie, suba.*

driblando a lama da margem  
se trepa à canoa  
e junto ao filho segue até amanhã.

dali  
já se vê a noite da cidade  
se pôr de pé  
no alumiar dos postes –  
a mesma noite  
só que doutro jeito.

grunhidos de rãs  
grilos

zumbidos de muriçocas  
palpitam sobre escolhas.

tudo se ouve  
mas ninguém repara.  
tudo pralém –  
abstrato  
tudo pralém –  
enxerimento de silêncio.

*Espia a Lua.  
Segue praquele rumo.  
Segue.  
É prali que a noite segue.*

e bate-e-puxa remo.  
bate-e-puxa.  
bate-e-puxa.  
e

*Aqui é o ponto. Sossega.  
Mais com pouca nós apronta as tarrafas.*

no desenlinhar das redes  
a canoa se põe a dormir  
(sabe mais de nada)  
e já não é mais.

as gentes  
o barco  
as águas  
o tempo

não mais  
tudo a mesma coisa  
tudo o mesmo nome  
a mesma dimensão  
a mesma coordenada.

se abarrotava o tempo marcado ao céu ante o passeio da lua.  
o pai inerte a surpresas  
coreografa o que já des-  
aprendeu.

faz.

as redes abraçam as águas sem qualquer esforço  
e se afogam na sede.  
o menino a espantar-se  
espanta tudo –  
fica.

*E esse assombro, meu fii?  
Num tem pra quê.  
Assim tu espanta os peixes.*

o menino ali – uma vírgula no meio de tudo  
sem entender:

*Tinha vindo pra essas bandas não, pai.  
Aperreie não.  
Aperreie não.*

o pai engolindo a briga  
acalma:

*guarda esse medo.*

*A vida é ou num é isso todo dia?*

calado o menino vira-se  
desentendendo.

*É.*

e deixa de ser.  
fica.

e tudo se emborça em si mesmo.

[...]

os peixes ao nó-cego do nylon  
desnascem.  
um aqui  
outro ali  
muitos não –  
noite fraca.

*Puxa, menino, é o que tem pra hoje.*

um a um  
os instantes sem tamanho iam-se.

já horas –  
na curva do olhar aparece o amanhã  
e tudo volta a ser o que era:

o açude – açude  
a canoa – canoa  
o tempo – a mesma bagunça.



desconfiado o menino afogado em não saber  
des-entende:

*pai, e tudo isso não barulha seu juízo não?  
Te digo que tô ariado.  
Tô sabendo voltar não.*

com um riso de canto de boca  
a esconder calos do tempo  
divaga:

*meu fii, sei não,  
pra que a vida se não pra sossegar sustos?  
Pra quê?*

descarregam a sorte da noite  
e dia adentro seguem.

trôpego  
o menino s'embala à cidade  
a des-saber-se  
com uma nova gramática  
a correr na sua própria calmaria  
e fica.

## à margem

céu acima  
salpicava a água do abarcar das roupas no lajeiro.  
corria a meninada  
às saias das mães no brincar na beira d'água.

*Nazinha! Nazinha, deixa de carreira.  
Já se estrepa na lisura dessas pedras.  
Vá estender as roupas lá em cima.  
E cuida de ficar olhando  
pra mode os bichos não fazerem sujeira.*

assim ganhavam  
(as roupas)  
às mãos das meninas  
que as colocavam a quarar ao sol bruto na pausa do  
brincar.  
fuxicos se entrançavam a cantigas manhã adentro  
logo depois do café de bem cedo  
ante as roupas limpas de amanhã.

*Lava, lava, lavadeira  
Bota as roupas pra quarar  
Que se o sol enxuga o dia  
Traz a lua o serenar  
Ôh, lavaaaaaa!*

assim desenhavam  
as lavadeiras  
as margens das águas.

grande parte  
roupa de gente rica lá da banda da rua  
que semana a semana trocava a trouxa.  
as demais  
roupas de casa –  
que de tão importantes  
davam dinheiro não.

e molha.  
e ensaboa.  
e enxagua.  
e de novo e de novo e  
de novo.  
dia sim dia não  
dali  
ainda tinha que dar tempo botar o almoço no fogo.

–  
*Espia, cumadi, onde já num tão os menino.  
Guto já lá do outro lado, Nazinha no mêi d'água.  
Mas é um precipício um negócio desses, Nazinha!  
Ôh Nazinha, num pedi pra tu olhar as roupa.*

[...]

*Cumadi, Nazinha tá se batendo.  
Tá mais saindo do canto não, tá se afogando.  
Nazinha! Nazinha!  
Pelo amor de Deus!  
Nazinhaaaaaa...*

–  
corre.

a mãe a se bater dentro d'água  
des-faz-se.

deu tempo não.

deu tempo não.

canoa nenhuma  
por ali  
pra cavucar as águas.  
gente nenhuma.  
apenas a tempestade carne adentro daquelas horas  
daquelas mulheres  
daquela mãe órfã  
daqueles moleques

ali!

a desenhar o açude sem margens  
que já tanto fez como tanto faz.

*Menino, corre, vai chamar o Zé na Feira!  
Corre, pelo amor de Deus.*

e foi.

e vindo gente.

e vindo gente.

*Meu povo, num se afoitem, tão vendo não?,  
essa água tá reimosa.  
Valei-me, meu Nosso Senhor.*

podia gritar.  
podia gritar.

tudo besteira.  
tinha mais jeito não.

*Minha menina, minha menina...*

sem gritos. desistira a mãe.  
outro olho d'água a despejar-se entre as curvas de um  
antigo sorriso –  
tudo um mesmo rio:  
carne-terra.

o último homem a sair da água desdizia:

*Oh cumadi, mergulhei o que deu, muito fundo,  
muito fundo.*

*Agora, só muita reza.*

*É esperar. Tudo é daqui três dias.*

*Três dias e ela sobe.*

*Um anjinho a mais pro céu.*

*Deus tenha misericórdia.*

e todos vão e todos ficam.

três dias.  
três dias e tudo –  
espera.

não há peixe à pesca.  
qualquer roupa ao lajeiro.  
qualquer cantiga.  
tudo respeito.  
tudo silêncio.

*O açude é grande demais, pode subir em qualquer lugar.*

e sozinho o relógio não bastava  
sozinho era mudo  
caducava.  
e descobria-se não.  
sem lugar pra saber descobria-se não.

*Não adianta vexame.  
Quando derem os três dias,  
é botar pra boiar uma vela numa cuiá,  
que ela vai bater em cima.  
Tem erro não.*

parada no terceiro dia  
a sei quanto de lonjura  
lá estava a luz a boiar  
clareando aquele corpo sem forma  
quase anjo a ser enterrada antes da morte.

o mundo desconfiado ficava menor.

–

céu acima salpicava água.  
dormiam as cantigas  
– às roupas –  
que no lajeiro de luto  
ainda quararam.